



FOMENTAR NEGÓCIOS

HOME SHOW FOCA NO B2B E PROMETE MUITOS NEGÓCIOS

Leia na página 8

IA corporativa e governança de dados: por que empresas estão criando seus próprios "ChatGPTs" internos

A inteligência artificial já deixou de ser uma promessa para se tornar parte da rotina de trabalho de milhares de pessoas.

Novas ferramentas surgem a cada dia, automatizando tarefas, ampliando produtividade e mudando a maneira como profissionais produzem, analisam informações e, até mesmo, como tomam decisões. Mas, junto com as oportunidades, chegam novas tensões.

De um lado, colaboradores veem na tecnologia uma aliada para reduzir sobrecarga, ganhar tempo e apoiar demandas cada vez mais complicadas. De outro, as empresas enfrentam preocupações sobre segurança da informação, vazamento de dados sensíveis e uso indiscriminado de plataformas populares em ambientes corporativos.

Esse dilema tem feito organizações refletirem de forma mais madura: não basta apenas adotar inteligência artificial, é preciso governar seu uso. E esse ainda é um desafio para grande parte do mercado. Segundo o The Adecco Group, apenas 10% das empresas do mundo são consideradas future-ready, ou seja, possuem planos concretos para a transformação causada pela IA. Ao mesmo tempo, 60% dos líderes esperam que seus profissionais desenvolvam novas habilidades relacionadas à tecnologia, mas 34% das empresas sequer possuem políticas para orientar o uso, ou seja, é muita intenção, mas pouca direção.

Quando olhamos para o Brasil, o cenário segue a mesma lógica. Em 2025, 67% das empresas consideravam a IA uma das cinco prioridades para o ano, mas 73% ainda não tinham equipes dedicadas ao desenvolvimento da tecnologia e apenas 23% haviam feito algum tipo de capacitação profissional para o uso, segundo pesquisa da Bain & Company.



Apenas 10% das empresas do mundo são consideradas future-ready, ou seja, possuem planos concretos para a transformação causada pela IA.

Esse distanciamento entre prioridade e preparação revela uma contradição: as empresas reconhecem o potencial estratégico da IA, mas ainda enfrentam desafios para adotá-la de forma estruturada, segura e escalável. É justamente para responder a essa falta de harmonia que surgem novos modelos de adoção. Em vez de liberar o uso de ferramentas abertas ou adiar a incorporação da tecnologia, muitas organizações vêm criando ambientes próprios ou homologados de inteligência artificial, os chamados “ChatGPTs corporativos”, para combinar

inovação com segurança e produtividade com governança.

Não se trata apenas de bloquear o uso de plataformas “públicas”. Até porque, na prática, restringir aplicações em computadores corporativos não resolve um cenário em que a tecnologia está literalmente na palma da mão. A questão é estruturar um ambiente em que a IA possa ser usada com regras, contexto e com proteção.

Na AB Mauri, por exemplo, esse movimento se materializa na Ask Mauri, ferramenta interna de inteligência artificial desenvolvida para operar em ambiente controlado, com governança de dados, regras de acesso e aplicações voltadas ao dia a dia dos colaboradores, sendo de geração de conteúdo e análises a transcrição de reuniões e consultas a documentos internos. Esses avanços são maneiras de demonstrar o amadurecimento da organização frente a novidades e a era tecnológica.

Além disso, com iniciativas assim, a discussão sobre IA corporativa sai da experimentação para entrar na área da estratégia. Esse pode ser um dos pontos mais importante do negócio, onde o futuro da inteligência artificial nas empresas não fica nas ferramentas populares, mas na capacidade de integrar inovação, segurança e contexto usando algo próprio da organização.

E, mais do que acompanhar uma tendência tecnológica, movimentos como esse mostram que o diferencial não é apenas usar inteligência artificial, mas criar condições para que ela seja aplicada com segurança, propósito e responsabilidade para os funcionários. No fim, a discussão sobre IA nas empresas não é mais sobre aderir ou não à tecnologia, mas sobre capacitar, orientar e zelar pelo próprio negócio.

(Fonte: Eliane Yamashita, Head de TI da AB Mauri)

Ataques digitais mudam estratégia das empresas e impulsionam mercado de US\$ 12 bilhões no Brasil

Estudo mostra que organizações deixam modelo reativo e passam a tratar cibersegurança como fator de competitividade.

Segurança no varejo: de custo a investimento estratégico, uma mudança de mentalidade

Até algum tempo atrás, a segurança era tratada no varejo como uma despesa obrigatória, acionada para evitar perdas, cumprir exigências legais ou responder a incidentes.

Criminosos criam marketplace de dados pessoais para aplicar golpes na internet

Interfaces incluem informações cadastrais, histórico financeiro, vínculos familiares e outros registros. A ausência de controle sobre finalidade de uso e privacidade amplia o potencial de exploração dessas informações.

Empresas ampliam investimentos em benefícios digitais para fortalecer a experiência do cliente

Em um cenário em que conquistar novos consumidores custa cada vez mais caro, empresas de diferentes segmentos têm direcionado esforços para fortalecer o relacionamento com quem já faz parte de sua base. Nesse movimento, os tradicionais programas de fidelidade vêm dando espaço a uma nova geração de benefícios digitais, conhecidos como serviços de valor agregado (Value Added Services - VAS), que ampliam a experiência do cliente e aumentam o engajamento com a marca.

Para informações sobre o

MERCADO
FINANCEIRO

faça a leitura do
QR Code com seu celular



Negócios em Pauta

Créditos: Pedro Ivo



Ciências da aprendizagem

O Itaú Social está com inscrições abertas para a Escola Anual de Ciências da Aprendizagem, formação gratuita que reúne pesquisadores, docentes, estudantes de pós-graduação e profissionais da educação interessados em entender, com base em evidências científicas, como as pessoas aprendem. Organizado em parceria com o Transformative Learning Technologies Lab (TLT Lab), da Universidade de Columbia (EUA), o curso aborda temas como psicologia, educação, neurociência, ciência da computação e inteligência artificial, além de métodos de pesquisa e estudos nacionais e internacionais sobre aprendizagem. A segunda etapa será uma mentoria para dez cursistas, que receberão orientação para desenvolver propostas de pesquisa a serem submetidas à Conferência Internacional das Ciências da Aprendizagem, em junho de 2027, em Mumbai, na Índia. As inscrições vão até o dia 18 de agosto, na plataforma da Escola Fundação Itaú (<https://fundacaoitaui.org.br/escola/>).

Leia a coluna completa na página 3

News@TI

AI/E-Copa 2026



Prefeitura de São Paulo realiza campeonato gratuito de jogos online

A E-Copa 2026 vai até 19 de setembro com uma programação gratuita de competições de eSports, capacitação e mentoria. Realizada em quatro Centros Educacionais Unificados (CEUs) de São Paulo, a iniciativa terá a final na mesma data de encerramento. Promovida pela Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SEME), em parceria com a Associação Paulistana de Recreação, Esportes e Lazer (Aprel), a quinta edição do projeto espera atender mais de 15 mil crianças e adolescentes e utiliza o universo dos jogos eletrônicos como ferramenta de acesso à tecnologia, desenvolvimento de habilidades e aproximação de jovens a novas oportunidades acadêmicas e profissionais. Em 2026, a iniciativa chega a diferentes regiões da capital com prioridade para crianças e adolescentes atendidos pelos CEUs e comunidades em maior vulnerabilidade social (<https://ecopasp.com.br/>).

Leia a coluna completa na página 2

Espaço Jurídico

A IA leu tudo de graça — e o Brasil resolveu mandar a conta

Giovanna Araujo



Leia na página 7